

LÍRICA E URBANO: UMA ANÁLISE LITERÁRIA DA ESPACIALIDADE URBANA PELO ROCK E RAP

Autor(01): Jean Marcelo Cruz de Castro

Filiação institucional: Universidade Federal do Pará

E-mail: jean.castro@ifch.ufpa.br

Autor(02): Milton Santos Souza

Filiação institucional: Universidade Federal do Pará

E-mail: miltonsouza841@gmail.com

RESUMO: O presente artigo, fará uma análise com base na junção de perspectivas em Literatura, Música e Espaço, seguindo a partir do alinhamento epistemológico da Escola de Berkeley, na Geografia da Música, parcialmente com influência do ponto de vista da academia francesa, juntando aos conceitos tratados a Geografia Urbana, trazendo pelas letras das músicas, reflexões e fatos sociais para a cidade, assimilando também com as suas respectivas sonoridades, pautadas no plano de fundo musical de seu urbanismo.

Palavras-chave: Geografia da música, Direito à cidade, Rock e Rap

GT – 11: Práticas culturais na produção da cidade

1. INTRODUÇÃO

A Geografia da música é um subtema surgido de forma contemporânea, e que se encontra dentro da Antropogeografia, tendo o início de seu trabalho com o pesquisador, adepto as abordagens e pensamento geográfico de Friederich Ratzel, chamado Leo Frobenius, com as pesquisas introdutórias abordando o aspecto da instrumentação musical em povos africanos, destacando o uso e a influência dos tambores, a partir do século XIX.

Por muito tempo foi um campo científico muito limitado metodologicamente, contudo no século XX, pelas décadas de 1920 e 1930, começava a ser um campo de grande interesse na França e nos EUA, com a influência de Carl Sauer, marcando seu legado para a Universidade de Berkeley, no entanto a sua maior expressão vem com a chamada Virada Cultural, dando seu renovar para as abordagens em inúmeras ciências sociais, incluindo na

tratativa de Música e Espaço, alinhando-se ao pensamento surgido na época, como a Nova Geografia e a Geografia Crítica, estas trazendo para junto a área em questão uma amplitude de análises, tornando mais holístico a associação com a música, vendo demais contextos, tudo isso na égide da Indústria Cultural e seus braços como a Indústria Fonográfica.

Na virada cultural entram-se destaques no âmbito acadêmico nesse eixo temático os autores: Peter Nash, George O. Carney e Marc Brosseau, tanto pelos anos de 1970 até 1990, chegando no fim a tese de doutorado da pesquisadora singapuriana Lily Kong sobre Música Popular e Globalização, influentes hodiernamente em trabalhos sobre a área. Para os gêneros musicais, isto é, os movimentos com ideais políticos, sociais e culturais, sendo postos em pauta através de seu relato em sua poesia e a ambientação em sua sonoridade, associando ela dentro da cidade e as suas virtudes.

1.1. METODOLOGIA

Para esse trabalho contou-se como método, consultas bibliográficas referentes a música e o espaço urbano, procurando fazer um diálogo mais didático e compreensível, procurando exibir um caráter bem holístico, com associação a literatura, festa, música, agregado as espacialidades disso, sempre referente ao urbano. Consequente a isso foi implicado também uso de músicas para maior contextualização, contudo filtrando da melhor maneira possível os produtos fonográficos inseridos.

1.2. OBJETIVO

A premissa do artigo tem como, em primeiro lugar, fazer paralelo entre o lírico musical e o seu som relacionado à cidade, desde o tema da letra ou álbum, e também a sua ambientação no plano de fundo, em segundo lugar, mostrar também essa espacialidade como ela se dá pela cidade com eventos referentes aos estilos musicais, junto ao dinamismo dado na cidade para as então manifestações culturais e artísticas em meio aos lugares de variados acessos, nisso vendo também outros festejos de pouco alcance comercial, contudo com grande importância sócio-política na cidade, pegando eventos de atenção com alcance internacional, eventos de grande importância local, no âmbito nacional e local referenciado ao estado do Pará, sendo de grande relevância os eventos em Belém.

2. MÚSICA E ESPAÇO

A música é um manifesto que se encontra em uma enorme quantidade de culturas, sua forma de se manifestar de uma a outra são peculiares, apesar de certo ponto obterem algo em comum, no que tange às técnicas como ritmo, harmonização e métrica, quando consideramos além das composições instrumentais, tendo a adição da voz, na declamação lírica, onde o eu-lírico apresenta suas subjetividades e mais fatos objetivos que permeia a sua realidade. Nisso se encontra presente nas composições em movimentos musicais como o Rock e Rap, dentro dos grandes centros urbanos e as suas referências que tomam como serviço denotar o fato social, no qual incumbe sob as chamadas pelo Milton Santos, histórias urbanas, essas que criam tais dramaturgias e mitos em seus respectivos cidadãos.

Essas manifestações elas têm seus destinos de espacialização, não sendo contido apenas pela produção, mas também pelas eventualidades que deixam sua marca pela cidade, podemos pensar como exemplo: “Marca dessa ruptura podem se assinaladas na música, em que atonalidade que referenciava a produção musical dá lugar a tonalidade... na literatura, em que a efemeridade das formas urbanas revela a brutalidade da cidade - a obra de Charles Baudelaire é um momento significativo desse processo.” (CARLOS, 2019). A música para esse contexto além de lidar com a temporalidade e os tons, contribui em mais na leitura sobre contextos geopolíticos na qual envolve todas as formas presentes na cidade, adaptando e mudando também suas estruturas, por longo ou curto prazo.

O estudo da música e a referência dela a cidade se encontra tanto em referência pela doutora Lily Kong, onde na perpetuação da sociedade é essencial a difusão dela, reforçando a inexistência de um corpo social sem assimilação ou identificação com algum estilo musical. “A música está presente no cotidiano no presente das pessoas, mesmo que servindo apenas como ‘trilha sonora’ para atividades como trabalho, as compras no supermercado, atividades esportivas, de lazer, cerimônias, rituais religiosos, etc.” (CASTRO apud KONG, 2009). Nisso entra como síntese um rompimento com o conceito de perspectiva bem restrito sobre paisagem onde, há desconsideração com o grupo de pessoas com deficiência na visão, cujo através da música é cabível tanto no escutar do cantar ou pelo plano de fundo na então chamada ambientação sonora, coloquialmente. É válido pensar também sobre essa musicalidade na cidade pensando na literatura e seu instrumentalismo, “A cidade é o lugar em

que o Mundo se move mais; e os homens também. A copresença ensina aos homens a diferença. Por isso a cidade é o lugar da educação e reeducação”(SANTOS, 1993). A então fala denota com o som nas músicas o ritmo, tanto aplicável pela dinâmica quando inserido na cidade, como nas músicas na então batida, instrumentada ou sintetizada.

2.1 - ESPACIALIDADES E EVENTOS: Eventos e Indústria

A espacialidade dada no meio urbano para as manifestações musicais é feita dentro da cidade em muitas formas urbanas, no entanto toda a propagação da música, como produto da Indústria fonográfica, é dependente da disponibilidade se pensar no sistema com um intuito comercial de grande ou pequeno alcance comercial. Venhamos a tomar como exemplo dos espaços de circuito inferior: bares (alguns estilizados em forma de pub), praças públicas, casas de show e Centros culturais, onde muitos artistas do meio musical quando iniciam, tem sua difusão iniciada no mainstream (cena mercadológica), pelos anos 2000 com discos e mídia em CD's, diferente da propagação dos instantes atuais, com as plataformas agregadoras de música como: Spotify, Deezer, YouTube Music, etc.

As primeiras formas espaciais apresentadas servem para o circuito dessa Indústria Cultural, como caminho inicial que abra vertentes para o circuito superior, com eventos mais extensos em questão de espaço e sazonalidade como: Lollapalooza, evento que agrega grandes atrações do rock, como também nomes de grande renome capital no cenário do rap, e o Rock in Rio, antes um festival dedicado ao rock, mas agora um festival de música juntando nomes da música popular com o do gênero.

Chegando para a realidade no meio urbano belenense, é existente esses espaços de circuito inferior, assim como eventos de grande atenção, contando com a divulgação de pouca frequência em meios de comunicação de massa, e de forma marcante em plataformas como sites e redes sociais, onde apresenta uma presença considerável da maioria um público jovem e adulto, sendo marcado para grupos distintos alcunhados de “tribos urbanas” como os hipsters o festival Psica, o último ocorrido em 2021 e o presente para o movimento punk o Facada Fest, o primeiro contando com um arranjo espacial mais planejado e direcionado para interesse mais geral e o segundo tendo sua manifestação solicitada aos órgãos públicos de responsabilidade cultural em espaço de acesso público como em frente ao Mercado São Brás.

3. ROCK/ROCK'N'ROLL

O movimento musical chamado Rock ou Rock'n'roll, surge pela década de 1950 pelos Estados Unidos da América, o seu surgimento pela sua difusão não teve tanta receptividade na época devido a ser uma manifestação ser exercida pela população afro americana e jovem, destaca-se no pioneirismo dele Chuck Berry, no entanto com as apresentações do Elvis Presley sua difusão se deu a nível global, com a sociedade americana em seus ares conservadores preocupados com a sedução visceral de seus hits.

O gênero musical em destaque ele tem uma peculiaridade que deu carga para mais outros modos, entenda-se no caso da eletrização instrumental, isto é, toda a instrumentação em corda passa a ter sua amplificação sonora por meio da eletricidade, tendo os arranjos das guitarras e contrabaixo, eletrificado, único instrumento mecanizado e acústico é a bateria, esta que dita o ritmo do produto fonográfico, para o consumidor.

Na sua construção por parte de seu som, carrega a “influência negra”, principalmente do blues, junto ao jazz e bebop, com sua ambientação audivelmente sedutora, simultaneamente contestatória e melancólica, até mesmo pela sua lírica, este tão presente nas áreas residenciais e comerciais de certos distritos industriais e guetos. Ao mesmo tempo carrega sua “influência branca” com os ritmos do country nos EUA e o Folk, de grande presença no Reino Unido, os dois citados são muito presentes pelo espaço agrário de suas localidades, contudo eles colaboram em dar junto a música gospel, um aurea musical mais contemplativa ou até mesmo bucólica, para com a paisagem e na instrumentação em apresentações acústicas (sem amplificadores) com o violão.

Com o passar dos anos e o surgimento de mais subgêneros aplicou-se em seu som o uso de mais instrumentos, no qual procuravam fazer um síntese no ambiente sonoro, como no caso do post-punk, tendo a mesma velocidade rítmica do punk clássico, porém com o contemplar ambientado pelo uso do teclado nas músicas, tornando em sua audição uma imersão de contradições, junto a melancolia.

A difusão do Rock no Brasil é vindo pela década de 1960, através da rádio e início da produção televisiva no país, de início suas músicas eram tanto versões com releituras sobre músicas produzidas nos EUA, um grupo que começou a aventurar na composição entrou em destaque a Jovem Guarda, contudo sua popularização recorrente se deu pelos anos 1980, com influência presente do punk e do post-punk em cima dos artistas e agrupamentos como: Titãs, Ira, Cólera, Legião Urbana, Capital Inicial, Revoluções Por Minuto (RPM), Paralamas do Sucesso, Blitz, e tantas outras que deixaram a sua marca para as produções atuais.

A produção originada no estado do Pará se dá mais tarde influenciando com o ganho de espaço do rock pelos anos 80 e seguindo para os anos de 1990, sendo recluso aos espaços periféricos pela cidade de Belém, ganha-se destaque o grupo Mosaico de Ravena, com a música “Belém, Pará, Brasil”, tendo destaque depois em rede nacional, devido ao sucesso e a relevância dada na cena da indústria do entretenimento.

3.1 - ROCK E O ESPAÇO URBANO

O questionamento de tamanha inquietação é por que o Rock se assimila como uma expressão musical urbana, além do rap? A resposta a essa pergunta pode ser dada, primeiramente, pelo aspecto da literatura de obras declamadas, pois encontra seu discurso demarcado pelo urbanismo, configurado de certo modo ou como uma Ode ou um Escárnio, sobre a vivência do compositor ou do personagem da obra e da base factual também.

Toda a temática falada pelas músicas, juntando letra e som, é dado uma carga de contestação perante ao fato, apresentando isso tanto em forma de crítica, em primeira análise, traz à tona sobre o autor ou eu-lírico, estar em consciência sobre essa vivência por essa sociedade do capital que tem o mando em suas relações no urbano. Por ordem seguinte entra em vez também a denúncia, como forma de lutar por direitos pela cidade ao seu acesso e também como denotações no espaço das afirmações e contradições, e em último caso onde aplica-se humor é a sátira, onde se apresenta o Escárnio e, geralmente, indicando as problemáticas da desigualdade social, persistente e existente, todos esses elementos caracterizam o agito estigmatizado desse ritmo.

Em outra ordem ao mesmo tempo que há sua demarcada conturbação, existe também uma melancolia que apresenta uma tonalidade bem apática e sensorialmente solitária, onde há

essa contrariedade, de em meio a velocidade há uma contemplação, algo tão presente desse pessimismo, está pelos submovimentos do Alternativo ou do Post-Punk, seguindo para um caráter lírico também reflexivo, onde denota muitas subjetividades em seu lugar, envolvendo amor ou tristeza, com uma áurea romantizada e não exageradamente ufanista.

Um último ponto sobre a relação desse movimento musical está tanto pelo sua peculiaridade rítmica em seu áudio produzido pela questão da percepção da temporalidade com a velocidade das batidas pela Guitarra e a percussão, onde acabam ditando a dinâmica encenada no campo da imaginação do ouvinte ou consumidor da trilha sonora, trazendo uma fluidez sobre a vida e os relatos, e sua hipnose para sua difusão.

4. RAP

O rap deriva-se da expressão em inglês *Rhythm and Poetry*, surgido pelos anos de 1960, carregando influência de ritmos como jazz, denotando pelo improvisado, esse especificado pela rima e o Soul, carregando uma sensualidade, contudo sua maior marca está pelos aspectos musicais na ambientação mais eletrônica onde ao mesmo tempo surge pelos guetos a figuração do *disc jockey*, conhecido também como DJ.

Sua manifestação, até os dias atuais é dado na periferia dos grandes centros urbanos, inclusive para sua difusão pelo mundo se deu de tamanha forma pelo cenário musical pelos anos de 1990, incluindo o Brasil entrando rappers e grupos como: Racionais MC, Fação Central, MV Bill e entre mais outros. Diferente do Rock, o Rap traz uma visão, em sua literatura, mais local ao invés de uma ótica mais globalizada, onde ambos em seus estilos apontam essa resistência para com uma padronização mundializada.

A territorialidade dele se deu e perpetua pela periferia urbana como forma de declamação das histórias urbanas, em grande parte sendo de tamanho conflito no espaço onde recai na luta pelo direito da cidade e a inconstante presença da insegurança pública em sua realidade, isto é, seu manifesto é de denúncia às injustiças veladas pelo próprio sistema, sendo do aparato do estado ou poder paralelo, palco da negligência do próprio.

O consumo dele se dá pelo perfil, em boa parte, dos mesmos que produzem, sendo de jovens e adultos que vivem sob a realidade da periferia, onde a forma de fugir dessa

insegurança se dá pela música, sendo manifesto também pelas danças, atenta-se pelas chamadas batalhas de rimas, onde sendo feito em parques ou espaços de pouca estrutura, ocorre o cantar falado no improviso em curto tempo, definindo o vencedor com a reação dos espectadores presentes na roda.

Hodiernamente, na lida sobre o cenário musical paraense, por parte do rap e seus subgêneros, temos a evidência do Pelé do Manifesto, como o porta-voz sobre a periferia, e é visto uma crescente dessa manifestação artística por parte das mulheres, contudo não há tanto interesse pelo mercado fonográfico que permita abranger mais sua difusão, apesar de no uso das plataformas de música pela Internet tenha agregado com a propagação.

5. LITERATURA: EXEMPLAR LÍRICO - ROCK

Os exemplos elencados para a escrita do artigo vão desde a esfera internacional até a local, todos esses seguindo o critério de usar em sua lírica as formas urbanas e suas relações, desde: movimento, fluidez, uso, arquitetura, violência e suas crises. Sobre os exemplos que usamos, são: *Kraftklub* (ALE), *Maximo Park* (RU), *Snow Patrol* (RU), *Bloc Party* (RU), Paralamas do Sucesso (BRA) e Delinquentes (BRA).

5.1 - Músicas: *Kraftklub* (ALE)

O grupo *Kraftklub* é uma banda alemã, originária da cidade de Chemnitz, na porção oriental da Alemanha, formada por cinco pessoas, que conta com as composições de Felix Brummer (Cantor) e Karl Schumann (Guitarrista). Sua sonoridade é bem peculiar com o uso da ambientação do indie rock misturando no formato de todas as músicas com cantar se assemelhando ao rap, tendo paralelos com o ritmo local chamado *Sprechgesang* (Canto-falado), conseguem garantir relevância com turnês por cidades germanófonas (Alemanha, Áustria e Suíça) e pela Europa.

Esta banda em sua atividade compôs três álbuns e um EP no seu início, no cenário musical alemão, passando por um hiato de cinco anos após a conclusão da produção do *Keine Nacht für Niemand*. As músicas elencadas para análise foram, baseado nos critérios citados anteriormente são: “*Ich will nicht nach Berlin*”, “*Karl Marx Stadt*” e, a mais recente lançada em 2022, “*Wittenberg ist nicht Paris*”, fazendo parte para o álbum *Kargo*.

Eu não quero ir para Berlim (*Ich will nicht nach Berlin*)

“Não quero ir a Berlim (x4)
Venho de Böblingen de Stuttgart,
Ainda moro em Berlim, por 18 meses
E digo realmente cheguei lá
Minhas roupas ditam meu caráter
Meu óculos não é vintage,
Cara! Isso é retrô
Undercut e saco de juta
Tomo Club Mate
Ou dão Café Latte
Tendo leite de soja?
Pergunta:
'Alguém vai me botar nessa lista'
(Não)
Por fa-, por favor!
Mesmo que outras cidades sejam tão ruins,
Não vou para Berlim
Aqui fico completamente só
Não vou para Berlim
Mesmo que meus amigos estejam lá
Não vou para Berlim
Não vou mesmo a Berlim
Não vou para Berlim
Eu tenho aqui um projeto
Nada concreto ainda, mas bem legal
Sob os negócios, ainda não decidido
De algo criativo
Não é um trabalho das nove às cinco
Acho muito chato
Então, crio um blog de moda
E depois ando em Friedrichshain com minha câmera
Fotos de arte
De rua com gente interessante
O principal daqui de Berlim.”
(KUMMER, 2012).

A obra acima ressalta um fato marcante de relevância a Alemanha, como para o mundo ocidental do hemisfério norte, como a capital alemã - Berlim - sendo um ponto no globo de grão importância pela manifestação e da indústria cultural artística, no eu-lírico mesmo com todas as amostras de agrados sobre o que a cidade oferece em seus aspectos, há uma resposta negativa ao ponto de grande referência cultural e artística alemã. Mostrando desde a primeira estrofe um personagem de fora de outra cidade importante, economicamente, que se encontra sem perspectiva, apesar de seus projetos envolvendo o meio artístico, tanto pela arte, arquitetura, moda, música e tantas outras manifestações, denotando o modo de consumo da população que permeia até a solução de sobrevivência ou vivência.

Cidade Karl Marx (*Karl Marx Stadt*)

“Gosto de café, cigarro e diamante flexível
Nunca fui o melhor da turma
Mesmo assim eu perguntava
Mais como um show-off
Parasita bagunçado
Na real, não mudou nada, até agora
Não é minha culpa,
Se muitos não entendem
Ser minha culpa da minha vida não ser boa
Mas o sistema, política e o Hartz-IV¹
Seja o que for, não é pra mim
Venho da Cidade Karl Marx,
Eu sou um perdido
Oriental original (x3)
Não estou em nenhuma lista, nem sou tão legal
Numa cidade cheia de nazistas, aposentados e ociosos
Cruzo a cabeça de Karl Marx em um Trabant, comendo banana
Ruas estão desertas e as comidas sem corantes
Discriminado, me motivado
Goteira no teto, nada funcionando
Assim se vive na Saxônia, sobre modernas camas
Com bom humor e com nenhuma grana.”
(KUMMER, 2012).

Na música “*Karl Marx Stadt*”, o autor refere, em poesia, a persistente desigualdade entre cidades de onde eram das Alemanhas divididas, político-administrativamente, sobre até mesmo a persistente precarização das condições de vida e trabalho pelas cidades da antiga República Democrática da Alemanha, tomando como caso a própria cidade de Chemnitz, que recebe a alcunha, em várias literaturas alemãs, de Cidade Karl Marx.

Wittenberg não é Paris (*Wittenberg ist nicht Paris*)

“Meu jovem não vá se apegar
Vá nos arbustos se entocar
Me diga quem vai te proteger?
Policiais do Oriente?
E todo essa sujeira
Iluminam pelo isqueiro
Não é tão ruim
Mas é muito do que qualquer lugar
E posso entender
Troque sua velha vida
Por cafés e lojas de grifes móveis
E ainda posta empolgado
As eleições do verdes sob o seu bairro
E ‘fora nazis’ é mais fácil

¹ Hartz-IV é o programa de assistência social e econômica com certa defasagem de atuação na região da Saxônia, Alemanha

Onde não há mais dos nazis
Pois Wittenberg não é Paris
Wittenberg não é Paris
Pois Wittenberg não é Paris
Você já desejou
Que eles fossem te aceitar
Pegando as ‘cinco e quinze’
Em alguns anos ‘quatro e quinze’
Mas ficaram as diferenças
Que virá notar com o tempo
Ninguém mais aluga aqui
Todos herdam algo aqui
E deixam então sentir
Gostando até de ti
Mas algumas dessas portas
Vão ficar para toda vida.”
(KUMMER, 2022).

Na obra mais recente em forma de single “*Wittenberg ist nicht Paris*” denuncia a problemática dos extremismos, na política, pensado do âmbito municipal, muito se trata de alienação pela luta, onde há falta do engajamento e do foco sobre a resolução de certas problemáticas como para com a insegurança pública e a desigualdade social, adentrando também as novas apropriações do sistema, onde negócios locais perdem seu lugar para grandes conglomerados no alcance para o mercado de consumo dos vários produtos.

5.2 - *Maximo Park*

O grupo chamado Maximo Park, baseado em Newcastle-upon-Tyne, ao norte na Inglaterra, grupo conhecido como aquele que ressuscitou o Post-Punk, é formado por cinco pessoas, contado com o cantor Paul Smith, e o guitarrista e compositor Duncan Lloyd, juntando um membro no teclado Lukas Wooller. Com a presença do teclado, seu fluxo sonoro traz uma impressão de velocidade e controle, com uma pequena sensação de contemplação, ainda com as estridências dos acordes da guitarra.

O sentido para o uso exemplar de uma música do Maximo Park está na sonoridade com uma temporalidade rápida, bem característico do punk rock. Pela sua lírica há títulos bons para se analisar como presentes no álbum “Nossos prazeres terrenos” (*Our Earthly Pleasures*), esses, vamos nos limitar somente com a canção “O Inabalável” (*The Unshockable*), presente no segundo álbum em estúdio divulgado.

O Inabalável (*The Unshockable*)

“As linhas de transporte
Criam suas vias na cidade
As linhas de transporte
Criam suas vias na cidade
A qualquer custo
Dê um preço
Cavando pelo bairro
Caminha como Moisés pelas ondas
Pegue e escolha de um conto
Para descrever maiores eventos
Eu inventei tudo isso?
Detritos juntos
Na poeira
Na camada bem visível
Raspa aqui
Raspa ali
Dilacerar,
Arranhe!
Será que somos inabaláveis?
Ou nos tornamos frágeis
Atividade em falta
Coisas estão escassas
O coração humano é uma tomada de feitiço limitado
Um coração humano está em oferta para um feitiço limitado
Seu corpo é maior força
Como se sente quando sobra nada
O momento se foi
Pra mim passar muitas horas na cama
Acha isso cruel?
Palhaços risonhos
Gargalha, escondemos nossas mãos
Leve-os embora, tire os dali
Forme uma fila e se vire! ”
(LLOYD, 2007).

O produto lírico tem muito o seu conto, tanto pelo original, com a expressão *folk lore* sobre os empreendimentos que alteram as formas urbanas e configura o novo funcionamento do lugar para a cidade, tudo isso sendo o pensamento em função do transporte, não importando sobre preservação de patrimônio e tampouco se pensa com remanejamento, concluso que isso seja um questionamento de demonstração de força ou fragilidade, onde o capitalismo trabalha suas ideias no argumento da escassez.

5.3 - Snow Patrol

Snow Patrol é uma banda de rock alternativo formada na Escócia, com dois membros originados da Irlanda do Norte, sendo cinco na formação do grupo, sua sonoridade é carregada pela influência Britpop. Suas composições são elaboradas pelo letrista e compositor

Gary Lightbody, este que compôs em hiato músicas para outros nomes da música popular internacional, como por exemplo Ed Sheeran.

O grupo compôs cinco álbuns em estúdio, tendo maior divulgação com: *Final Straw* (2004), *Eyes Open* (2006) e *A Hundred Million Suns* (2008), devido ao grande sucesso em vendas e avaliações, como o exemplo usual da música *Take Back the City*, sendo hit bem avaliado estando no top 100 (cem) na Europa, sexta colocação no *UK Singles Charts* e quarta colocação no *Irish Singles Charts* e considerado de suma importância na indústria do entretenimento musical primeiro lugar no *Billboard Awards*.

Tome a cidade (*Take Back the City*):

“Tome a cidade até você a noite
Vou tomar a cidade a mim
Tome a cidade até você a noite
Deus sabe o quanto pôs sua vida nessas mãos
E as duas estão cansadas e calejadas
Mas tá na hora de pôr suas demandas
Todos esses anos depois e estão me matando
Seus recordes quebrados e letrados
Dez mil crateras onde deviam estar
Não precisa pôr palavras em minha boca,
Nem me convencer em tudo
Eu amo muito esse lugar sem dúvida
É uma bagunça, um começo
Uma brilhante obra de arte
Seu dizer, Seu chamar
Cada quebra, Cada muro
Pegue um lado, uma luta
Tenha então seu epitáfio
Então cante até cair
Pois a farra não vai parar
Amo a cidade anoite
Amo a cidade para sempre
Toma com os dentes a luz
E me cospe fora amanhã
Mas nós somos glutões por isso
Sabemos do errado e do certo
Por cada marca deixada
Tome a cidade de volta
Me diga que nunca quis mais que isso
E vou parar de falar
De um par perfeito ou um beijo eterno.”
(LIGHTBODY, 2008).

A obra acima é uma peça crítica, porém em seu sonoro bem útil para peça publicitária, contudo vale ressaltar a criticidade sobre a exploração do trabalhador na construção do que é a

cidade, lançando alguns versos até mesmo de contraponto, onde o eu-lírico acredita em posse ter direito a usufruir do que a cidade oferece, até mesmo sendo apontado uma polarização sutil e os conflitos que há, apesar disso ainda se denotando um romantismo sobre a cidade, apresentado até a sua sonoridade com o uso do violão na introdução e no refrão o uso das guitarras pela música.

5.4 - *Bloc Party: A Weekend in the City*

O grupo surgido *Bloc Party* no fim dos anos 1990, de início com o guitarrista e vocalista Kele Okereke com Russell Lissack na guitarra também, adicionando depois, respectivamente, Matt Tong, na bateria, e Gordon Moakes no contrabaixo. Sua primeira divulgação e notoriedade vem com o álbum *Silent Alarm*, com a gravadora Wichita Records, no ano de 2005, com hits como “*Skeleton*”, “*This Modern Love*”, “*Banquet*” e “*Helicopter*”.

A importância para o presente trabalho se dá em considerar a questão do *frontman* (guitarrista e vocalista) em se assumir publicamente ser homossexual, sendo válido considerar como a cidade se percebe para as comunidades LGBTQ+, que até os dias atuais sofrem discriminações e são marginalizados pela sociedade. Portanto para isso não iremos nos considerar sobre a espacialidade somente com algumas músicas apenas soltas, mas sim com músicas presentes sob um álbum específico, o segundo de maior venda, com excelente avaliação e sucesso do grupo, intitulado de *A Weekend in the City*, lançado em 2007, gravado pela V2 records, a sonoridade de todas as músicas adota elementos do punk, indie rock, post-punk e música eletrônica, com o objetivo de explanar em verso sobre os acontecimentos da cidade, ainda em perspectiva londrina.

De primeiro modo, boa parte das músicas trazem uma aura musical mais romântica, como na música “*Waiting for the 7.18*”, vendo até mesmo a relação do espaço agrário com o urbano, tendo muito a visão desse uso, em primeira instância, para lazer e uma espera noturna como é apresentada na estrofe introdutória na espera de horário pontual, com uma pequena presença de sensualidade seguindo para “*The Prayer*”, a cidade sendo o espaço sedutor.

Em outra linha a música mais aclamada e de maior destaque é a “*Hunting the Witches*” denunciando essa sistemática xenofobia, decorrente das ações de órgãos de segurança, com o contexto da época sobre o terrorismo pelos EUA e Europa, tendo até referência indireta com o

caso do brasileiro Jean Charles de Menezes, onde foi executado pela polícia por ser confundido por um terrorista, morto na estação Stockwell.

Por fim outras músicas que tem uma temática melancólica dentre elas é “*Kreuzberg*”, recebe o nome de um bairro de Berlim, muito apresentado pela ocupação de artistas e suas manifestações, e estudantes, além de ser residência, também há funcionamento de lugares para entretenimento da população jovem, o eu-lírico se encontra em decepção amorosa, onde houve apenas cortejos de casualidades.

5.5 - Paralamas do Sucesso

O grupo é formado por três integrantes desde a sua criação por: Herbert Vianna, Felipe ‘Bi’ Ribeiro e João Barone, conta com um sonoro boa parte com músicas, na mistura do rock com reggae, permitindo na produção de suas músicas a entrada de outros instrumentos. O grupo ganhou notoriedade com shows feitos, dividindo palcos com Legião Urbana e Titãs, pelos anos de 1990 e 2000, com a volta do cantor depois de sofrer acidente e ter ficado paraplégico, ficando por hiato.

O grupo compôs 13 (treze) álbuns de estúdio ao longo de sua existência, assim é apropriado para análise duas músicas da qual aborda as relações no meio urbano e as formas urbanas, este tendo uma especificação, sendo estes “O Calibre” e “O Beco”, presentes em diferentes álbuns, como “Bora Bora” e “Um longo caminho”, o último marcado pela volta das atividades da banda devido ao acontecimento extremo.

A obra “O Beco” faz uma abordagem de sonoridade irônica, alfinetando em seu eu-lírico, sobre a indiferença apenas no beco, desde o clamor por segurança, no qual há medo com toda a ação policial sobre o local. Ademais aponta as mazelas da apatia e a desatenção com a problemática da violência nas ruas, este que pode afetar qualquer um circulando pela cidade, sendo tão negligenciado.

Já a música “O Calibre” existe uma diferenciação com seu som, tendo em base da canção anterior, esta tem uma sonoridade com semelhanças ao grunge e ao *power punk*. Em sua letra faz o apontamento mais veemente sobre a insegurança pública, adicionando a

incerteza da vida, desde os locais estigmatizados por obter uma periculosidade, indicando ainda mais a negligência ou ausência proposital do Estado.

5.6 - Delinquentes

Grupo formado desde os anos de 1990, a banda é a pioneira na ascensão do cenário do punk rock hardcore, no Pará, contando com a formação de 4 (quatro) integrantes, compondo 3 álbuns de estúdio, sua sonoridade tem suas influências além do punk rock com o Thrash Metal e com Hardcore. A difusão de seu produto chega-se a nível nacional, com uma caracterização lírica contém crítica social e política, presente em seu repertório literário, no exemplo em questão das urbanidades, é feito as aproximações do discurso com duas canções, como “Ficção”, fazendo parte do álbum “Pequenos Delitos” e o Single “Carro Prata”, divulgado em 2021.

Carro Prata:

“Essa última noite um carro prata passou
Levando os sonhos de quem pouco sonhou
E nunca concretizou seus planos de infância
Que sua humilde família lhe depositou
Caminhos espinhosos num destino quase escrito
A vida afinilada e estreitada sem esperanças
Caminhos escolhidos ou seria o contrário?
Escolhido pela vida, escorrido pelo ralo?
A vida que varre, como se fosse um lixo
Pra debaixo do tapete com a falta de segurança
Que finge proteger mas proteger somente uns
Quando somos todos, dizem, filhos de um mesmo Deus
“Meu Deus”, que Deus? Ninguém já nasce órfão
Adotado pelo cão pra viver na escuridão
E a vida varre com força, limpando só os restos
De quem nunca foi convidado pra essa festa
Carro prata...
O carro prata passou
Mais uma noite macabra
Uma chuva de balas
Espalhados na calçada
O carro prata passou
Deixando as dores nas casas
Um velório escondido
De uma vida já traçada
Carro prata”
(KATARRO, 2021).

O produto lírico acima faz referência a um símbolo da violência das ruas belenenses, principalmente nas áreas periféricas da cidade, o dito ‘Carro Prata’ é o sinônimo da execução

pelas milícias e a chacina atormentando a vida muitos que se encontram incertos sobre o futuro em meio a cidade, sobre tamanha brutalidade e falta de proteção para com o cidadão, no qual traz a tona seu clamor por segurança.

Ficção:

“Nas mais bonitas avenidas da cidade
Homens e mulheres desfilam com chagas
Crianças com feridas espalhadas pelo corpo
O futuro da nação, dormindo pelo chão
Seres mutilados caminhando sem destino
Vítimas da mais, da mais cruel das guerras
A guerra social que destruiu-nos moralmente
E transformou inocentes em milhares de indigentes
Não é ficção, não é ficção
Jamais verão, jamais verão, não
Os estrangeiros jamais verão
Em algum programa de televisão
Ou em algum falso cartão postal
A ralé que existe num país tropical
Não é ficção
É a mais pura verdade
Uma espécie de vida uma podre realidade”
(KATARRO, 2000).

A música “Ficção” trata da realidade, no contexto da época, sobre o aumento da desigualdade social, citando sobre o descaso com a educação e o aumento do número de famílias em situação de rua, sem acesso à moradia, tudo isso sem sensibilizar na obra os olhares estrangeiros sobre, adendo aos locais sob tamanha vivência cruel sobre tal problemática, ainda presente até mesmo em grandes centros urbanos.

6. PARECER LÍRICO - RAPS NACIONAIS

A contextualidade de toda a lírica pelos raps no mainstream nacional, se passa pela manifestação contestatória da juventude periférica sobre a sórdida realidade em seu espaço vivido, objetivando pelas rimas e a sua expressão, pôr em reflexão tanto as questões discriminatórias, semear combatividade perante as atrocidades, em certos versos, testemunhados, contudo o domínio da expressão ser por jovens negros, traz discussões de baixíssima qualidade e utilidade, sobre a criminalização do movimento, isso tão combatido pelos artistas como: Mano Brown (Racionais MC), Pelé do Manifesto, Pregador Luo e entre

outros mais. Ainda sim é apresentada uma causa que busca a reversão do cruel quadro, mas carrega esperança para a então juventude.

Pensa-se pelas canções como “Negro Drama”, a denúncia do descaso estrutural com a periferia e os seus moradores, onde é notável tamanha incerteza, até mesmo pensar o direcionamento das revitalizações e a música “Muita Treta” com a insegurança tanto pelo fluxo nos bairros como no ambiente político e a engrenagem da esfera política decidindo a vida ou morte de cidadãos periféricos, tão marginalizados.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perante toda a discussão e o exemplar de algumas canções, é visível, toda a caracterização, mas não estigmatização, sobre a presença do Rock e do Rap com o ambiente das cidades e a sua urbanidade, desde o surgimento do movimento com a miscigenação, contudo o principal surgir por guetos culturais, contudo trazendo ao mundo a marca da periferia, com sua manifestação sendo globalizada, ainda sim se denota como um movimento de resistência, até mesmo com a padronização de música popular mundial. Por fim, o Rock e o Rap não sendo apenas música, mas também um movimento artístico marcante pelas ruas e pela cidade, são excelentes artificios para demarcação das histórias urbanas, devido a seu discurso estar em forma de denúncia, cujo sua maior luta é o direito ao acesso pela cidade, assim contribuindo mais com a literatura da cidade e a produção cultural advindo dela, incluso nisso a produção espacial na então contínua manifestação.

REFERÊNCIAS

CARLOS, A. F. A. **Henri Lefebvre: a problemática urbana em sua determinação espacial.** Geosp- Espaço e Tempo. v. 23, nº3, p. 458-47, dez. 2019. Acessado em 21 de Maio de 2022 em: <https://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/163371/158247>

CASTRO, D. **Geografia e Música: A dupla face de uma relação.** Revista Espaço e Cultura. UERJ. Rio de Janeiro. nº26. p. 7-18. 2009. Acessado em 10 de Maio de 2022. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/download/3551/2471>

GUIMARÃES, F. F. F. **Fatores culturais sociais e mercadológicos/tecnológicos do surgimento do rock.** Cap.1. Orgs: Do surgimento do rock à sua difusão pelo mundo: a apropriação do rock através das versões dos anos 50 a meados da década de 60. Montes Claros- Minas Gerais. 2013. Acessado em 09 de Maio de 2022 em:

<https://www.posgraduacao.unimontes.br/uploads/sites/20/2019/05/9-Felipe-FI%C3%A1vio-Fonseca-Guimar%C3%A3es.pdf>

KATARRO, J. **Carro Prata**. Belém: Xaninho Discos. Suporte: 3:18 min.

KATARRO, J. **Ficção**. Belém: Xaninho Discos. Suporte: 1:59 min.

KUMMER, F. **Ich will nicht nach Berlin**. Berlim: Vertigo. Suporte: 3:22 min.

KUMMER, F. **Karl-Marx Stadt**. Berlim: Vertigo. Suporte: 3:13 min.

KUMMER, F. **Wittenberg ist nicht Paris**. Berlim: Vertigo. Suporte: 3:11 min.

LIGHTBODY, G. **Take Back the City**. Santa Mônica: Interscope. Suporte: 4:40 min.

LIMA, Mariana Semião de. **Movimento Hip Hop: resistência de jovens vindos da cultura do fracasso**. 2001. 70 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas (SP), 2001.

LLOYD, D. R. **The Unshockable**. Sheffield: Warp Records. Suporte: 3:10 min.

PANITZ, L. M. **Geografia da música: uma introdução ao tema**. Biblio 3W. Universidad de Barcelona. p.1-31. Barcelona, 2015. Acessado em 17 de Maio de 2022 em: https://www.academia.edu/download/39262785/Geografia_e_musica__uma_introducao_ao_tema.pdf

SANTOS, M. **A forma e o Tempo: a história da cidade e do urbano**. Cap. 6. Org: Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico Científico-Informacional. Pág. 65-68. 5ª Edição. Ed. USP. 1ª reimpressão. 2013.

SANTOS, M. **Metrópole: a força dos fracos é seu tempo lento**. Cap. 8. Org: Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico Científico-Informacional. Pág. 77-82. 5ª Edição. Ed. USP. 1ª reimpressão. 2013.

VIEIRA, V. T. & HENNING, P. C. **Atravessamentos culturais e crise ambiental na atualidade: modos ecológicos de vida no rock'n'roll**. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental. v. 28. Ed. FURG. 2012. Acessado 21 de Maio de 2022 em: <http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/3889/Atravessamentos%20culturais%20e%20crise%20ambiental%20na%20atualidade%20modos%20ecol%C3%B3gicos%20de%20vida%20no%20rock%20n%20roll..pdf?sequence=1>

XAVIER, Denise Prates. **Repensando a periferia no período popular da História**: o uso do território pelo movimento Hip Hop. 2005. 114 p. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro (SP), 2005.